

EDITORIAL

Educação, pessoa, sociedade e direito são aspectos imprescindíveis da problemática visada por uma reflexão filosófica voltada para a tarefa de doação de significação para a experiência histórica da realidade brasileira, tarefa na qual devem empenhar-se, intencionalmente, todas as universidades do Brasil. Vinculando estas dimensões entre si, articulando-as com esta tarefa eminentemente pedagógica da filosofia, este número de **Reflexão** quer propor a seus leitores uma retomada destes problemas, quer através de um diálogo com os grandes mestres do pensamento filosófico, quer através da explicitação dos próprios esforços de nossos jovens pensadores. Com isto queremos manter acesa esta discussão que não pode limitar-se aos muros de nossas academias, estendendo-a, portanto, a todos os nossos leitores, qualquer que seja sua atual atividade de contribuição para o grande projeto de construção da cultura nacional.

Álvaro César Iglésias se propõe refletir sobre a dimensão antropológica da justiça, buscando desvelar seu rosto humano, de tal modo que o seu dever-ser que impõe ao homem, seja um dever-ser-com que é intrínseco ao homem. Eis-nos levados então à condição da intersubjetividade que emerge da coexistência social. A descoberta do outro nos levará à compreensão da alteridade que, por sua vez, nos colocará no centro do universo da justiça. E neste universo, será a equidade que, superando o formalismo da norma, encarnará a justiça entre os homens concretos da história concreta da civilização.

A questão do direito reaparece também no artigo de João Ribeiro Júnior, desta feita numa retomada crítica do sentido, do valor e do alcance do direito no positivismo comteano, que marcas tão profundas deixou em nossas concepções jurídicas hodiernas. Se líamos, no artigo anterior, a ênfase do relevante papel que numa concepção antropológica do direito desempenha a educação, notamos em contrapartida que, para Comte, a educação servirá apenas de instrumento do Direito, norma suprema e superior ao homem.

Este tema de uma educação tecnocrática, cujas origens remontam novamente a Comte, é abordado por Benedito Eliseu Cintra. Do mito da objetividade da consciência científica, o homem ocidental herdou a crença de

que é possível separar a educação da política, de que tudo pode ser organizado e solucionado, inclusive a convivência humana, mediante a agenciamento de instrumentos puramente técnicos criados pela ciência. Recusando esta convicção, o autor afirmará, com Paulo Freire, a exigência de uma educação humanizadora e de toda uma irrecusável consideração antropológica. Novamente que, a educação é caminho para a libertação não só do normativismo jurídico como do tecnicismo científico.

O problema educacional não é, contudo, apenas um problema teórico, epistemológico e axiológico. Ele nos atinge em nosso cotidiano existir de brasileiros. Para isto chama a nossa atenção o artigo de Newton César Balzan que nos conduz ao longo desta complexa caminhada da educação institucionalizada. O autor busca a articulação entre os vários graus de nosso sistema de ensino: articulação que deveria nascer de uma intencionalidade comum — o compromisso com a realidade histórica por todos vivida, num mesmo tempo e num mesmo espaço. Mas como é difícil articular o caos...

Ainda de educação brasileira nos fala Sylvia Aranha Ribeiro, agora levando-nos de volta às nossas raízes históricas, às origens do caos... Não se trata, naturalmente, de levantar responsabilidades mas de detectar e de assumir a nossa facticidade histórica, presente ou passada. E é levantada a grave questão da formação filosófica nos quadros da educação brasileira, cuja instauração devemos ao trabalho dos jesuítas. Destes nos é apresentado o modelo para o ensino da filosofia no Brasil.

Ary Nepote, através da abordagem lacaniana, conduz-nos a uma exploração da linguagem como fator de identidade humana. Entre os grandes problemas que atingem, em profundidade, o homem contemporâneo está a sua dificuldade em lidar com a linguagem simbólica. Apesar de ser um ser de linguagem: linguagem que é o único instrumento de que dispõe o homem para demonstrar sua condição de ser pensante e humano. E são ricas para o pedagogo e para o terapeuta as reflexões a que o artigo nos conduz.

No pensamento de Feuerbach e de Durkheim, Luiz Roberto Benedetti vai explorar as contradições da religiosidade humana, refletindo sobre a miséria e grandeza do homem religioso. Aprofundar a questão da religião comparando as análises dos dois grandes pensadores que se aproximam em sua crítica à atitude religiosa, crítica que, no entanto, decorre de pressupostos diferentes mas que é igualmente radical, incapaz de perceber o sentido humano do sagrado e o sentido sagrado do humano.

Entre suas missões específicas, cabe às escolas católicas inserir em sua mensagem à juventude a formação teológico-pastoral, adaptada ao contexto da realidade histórica contemporânea, na sua meta de reconhecer a presença e a exigência de um homem novo. Nesta linha de reflexão, Delírio Poltronieri nos fala, como teólogo, da vocação do mestre cristão, com sugestões para um magistério baseado no diálogo ciência e fé.

Comungando com as diretrizes e com os ideais teológicos e pastorais da CNBB, **Reflexão** tem a grande satisfação de publicar em sua seção de Documentação, a íntegra do Documento "Exigências cristãs de uma ordem política", aprovado pela sua 15ª Assembléia Geral, reunida em Itaici, de 8 a 17 de fevereiro do corrente. Nele manifesta-se, mais uma vez, todo o sentido pedagógico da pastoral episcopal em nosso país, colaborando intencionalmente na elaboração de um projeto histórico que delineie para todos os brasileiros um futuro mais feliz e grandioso. A edição transcrita é aquela publicada pelo Santuário de Aparecida.

A vida científica e cultural, com seus desdobramentos e repercussões sobre a reflexão filosófica, foi intensa durante estas férias de julho de 1977. Dela são apresentados alguns ecos neste número, embora muitos dados finais não estivessem disponíveis até o fechamento desta edição, que é o segundo número de 1977 e já um tanto atrasado, razão pela qual foi fechado antes do final de julho.